

Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

PESCADORES E RIBEIRINHOS SUDESTE DO PARÁ



**BOLETIM
INFORMATIVO**

7

Boletim Informativo

Edição Setembro 2019

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA

COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes (PPGCSPA/UEMA)
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGCSPA/UEMA)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)

Agência Financiadora: Climate and Land Use Alliance – CLUA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA DESTE BOLETIM:

Rita de Cássia da Costa

EQUIPE DE PESQUISA:

Cristiane Vieira da Cunha (UNIFESSPA)
Cristiano Bento da Silva (UNIFESSPA)
Fabiano Campelo Bechelany (UNIFESSPA)
Rita de Cássia Pereira da Costa (UNIFESSPA)
Valéria Coelho de Melo (UNIFESSPA)
Raimunda Barbosa (SEMEC/ LABCASSP)

APOIO TÉCNICOS E BOLSISTAS:

Osmar Cidil Batista Valverde (UNIFESSPA/NEAm)
Raimunda Barbosa (SEMEC/ LABCASSP)
Vanda do Rosário Oliveira (UNIFESSPA/LABCASSP)
Rita de Cássia Ferreira (UNIFESSPA/LABCASSP)
Rayssa Cristina Ribeiro Mascarenha (NEAM)
Priscila Kellen Alves de Lima (UNIFESSPA/NEAm)
Zélia Batista (CIMI-Marabá)
Gilmar de Oliveira (CIMI-Marabá)

TRANSCRIÇÃO:

Maria Raimunda Barbosa
Rita de Cássia Ferreira
Cristiano Bento da Silva

EDIÇÃO: Rita de Cássia Pereira da Costa

FOTOGRAFIAS E FILMAGENS:

Fabiano Campelo Bechelany
Rayssa Cristina Ribeiro
Rita de Cássia da Costa

LEVANTAMENTOS DE PONTO DE GPS:

Cristiane Vieira da Cunha
Rayssa Cristina Ribeiro Mascarenha
Rita de Cássia da Costa
Maria Raimunda Barbosa

CARTOGRAFIA E PRODUÇÃO DE MAPA:

Agentes sociais com elaboração de croquis
Rita de Cássia P. Costa

TRANSCRIÇÃO:

Maria Raimunda Barbosa
Rita de Cássia Ferreira
Cristiano Bento da Silva

CAPA/PROJETO GRÁFICO: Murana Arenillas

Apoio logístico: Eriki Aleixo

Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

OFICINA DE MAPA:

Junho de 2019
Julho de 2019
Setembro de 2019
Pescadores e Ribeirinhos do Sudeste do Pará
Comunidade Vila Belém
Comunidade Volta Redonda

Comunidade Praia Alta
Comunidade Vila Tauiry
Pescadores de Santa Cruz
Pescadores de São Félix (Marabá)
Pescadores e Ribeirinhos da região do Araras e Ubá

PARTICIPANTES DAS OFICINAS:

Raimundo da Silva	Oswaldo Carneiro da Silva	Alan Cardel Vieira Mendes
Rafael Cabral de Souza Alexandre	Valdivino Moura da Silva	Celso Pereira Silva
José Viana de Brito	Elias Bezerra	Leonardo Silva e Silva
Elton Moura dos Santo	José Alves da Cruz	Nubia da Silva Rodrigues
Vadolina	José Mulato da Silva	Dagues Silva dos Santos
Ruan Oliveira de Souza	Oswaldo Conceição dos Santos	Nyele Rodrigues Maranhão
Jucineide da Conceição Garré	Vanderli Brito Carvalho	Abel Moraes do nascimento
Simária Jardim Teixeira	Vani Pereira Costa	Domingos da Silva Santos
Nilton Lopes de Melo	Moacir Gomes dos Santos	Maria Madalena Lopes da Silva
Helio Nobre Nascimento	Professor Valdemir Ribeiro de Oliveira	Eluane Barros de Menezes
Antônio Lisboa da Silva	Professora Maria Iolanda Lopes Costa	Katia Pereira de Sousa
Maria da Conceição Araújo	Professora Maria Neide Paz dos Santos	Gizely Sousa Moura
Deusdete Marcos Vieira	José Ribamar Santana	Leomir de Souza
Sthefany Cristinny Araújo Almeida	Ananias Barros da Silva	Lourdes Carvalho
Larissa da Conceição Pereira	Israel Silva Diniz	
João Nei Alves da Silva		

PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

COORDENAÇÃO GERAL:

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado / Pescadores e Ribeirinhos Sudeste do Pará. – N. 7 (outubro. 2019). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenação da Pesquisa deste boletim: Rita de Cássia Pereira da Costa

ISSN: 2675-2263

1. Pescadores. 2. Ribeirinhos. 3. Amazônia. I. Título.

CARTOGRAFIA SOCIAL: PESCADORES E RIBEIRINHOS DO SUDESTE DO PARÁ

“Aqui é o Rio Tocantins aonde nossas comunidades estão localizadas, ali no município de Itupiranga. Então Tauiry é depois de Itupiranga fica 18 quilômetros, após Itupiranga. Só que o Tocantins também como vocês sabem, o Itupiranga é ribeirinhos também. É uma área ribeirinha e aqui está, nós tentamos focar nos 43 quilômetros de derrocagem, aonde vai ser feito a hidrovía. Aqui esse espaço é o rio Tocantins com todas as ilhas que estão dentro desses parâmetros dos 43 quilômetros. Essa parte azul que a gente fez aqui com esses pontinhos são: o pedral. Onde vai ser feito a derrocagem, as pedras que vão ser tirada para que o canal possa passar, as barças navegarem. Então aqui está a comunidade do Tauiry, a comunidade do Praia Alta, comunidade Vila Belém, comunidade Volta Redonda, comunidade de Cajazeiras, que são as famílias que foram atingidas pela barragem. Foi desapropriado da ilha do Ipixuna onde eles moravam e, foram tirados lá pra Vila Cajazeiras. Então essas famílias se ajuntaram também com a nossa comunidade, pra gente puxar e conseguir questionar sobre o projeto da empresa. E aí tem também e a Vila Santo Antoninho. Então aqui, essa extensão ela é de 43 km de derrocagem, que vai da Vila Tauiry. Aqui nós focamos a Pedra do Lourenção, que é o objetivo principal das mídias hoje, nas redes tradicionais das nossas, das nossas rodas de palestra. E ela vem até a ilha do Borgea. Então ficou alguns espaços porque ainda tem outras comunidades também que vão sofrer esses mesmos impactos, mas que elas ainda não nos procuraram. A gente está criando um fortalecimento e a gente está se ajuntando. Deixou espaço para que essas comunidades, que elas também possam se agrupar conosco. E aqui são várias ilhas que está nesse trecho, tem vários pontos de pescas, tem alguns círculos reprodutivo do peixe, como o tucunaré, o jaú, pirarara e outros peixes que se reproduzem. Então como é a dinâmica de trabalho em cima desta área, deste Pedral, que vai ser derrocado. Ela, a gente começa de inverno a verão. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino



Oficina de Mapa na Vila Tauiry. E desenho de ícones entre pescadores do São Félix I e região do Araras e Ubá, São João do Araguaia.

“Esse é o mapa da Vila Espírito Santo ficou quase completo, faltou poucas casas e faltou pintar também. Se vocês, derem para enxergar aqui desse lado, tem umas 3 casas desse lado. E aqui é uma fazenda. Essa fazenda é enorme, acho que ela chega até perto do rio Flecheiras. E desse outro lado é: casas que vem. Bem aqui é um bar e um comércio. O nome dessa rua, ela é conhecida mais como rua do Enforçar, o nome dela mesmo eu não lembro. Aqui é o Posto de Saúde, nesses meses ele foi murado. Aqui é a



Estudante da Educação do Campo e membro da comunidade da Vila Espírito Santo.

escola, ela é perto da Igreja, aqui, Católica. Pra cá tem outra Igreja Evangélica e outra bem aqui. Aqui é a Associação de moradores, aqui é campo, campinho que tem lá, e indo pra cá, é à beira do rio.

Essa é a comunidade. Eu queria agradecer a oportunidade de vim aqui e de fazer o mapa (...), apresentar minha comunidade, fortalecer essa aliança, não deixar de lutar e não esquecer que nossa comunidade é cultural. Tem várias, tem uma aliança cultural na comunidade com a terra. Não esquecer disso, não esquecer quando vir esse projeto nós vamos está lutando para que não aconteça o que aconteceu com outras comunidades e vamos se fortalecer. ”

(Nyele Rodrigues Maranhão)
Comunidade da Vila Espírito Santo

“Então hoje essa cartografia ela é importante para a nossa comunidade, porquê? Porque nós podemos ver a nossa linhagem. Não ficou completamente 100% porque sempre tudo na primeira vez, você esquece de alguns detalhes importantes. Eu vejo aí no trabalho de vocês já é, como vocês já vem trabalhando há muito tempo, então sempre vocês são como exemplo para nós né. E a gente ver que está bem pontualizado, os pontos aonde vocês trabalham. Os pontos aonde vocês tiram, os recursos naturais e vocês tem, já uma certa forma de mapeamento, bem mais avançada do que a nossa. Então a tecnologia de vocês está bem mais avançada, vocês estão de Parabéns. E aqui, dentro da nossa comunidade nós não vivemos só da pesca, é porque a pesca ela é de inverno a verão, mas tem o tempo que a gente recebe o seguro defeso, que é para o peixe se reproduzir, de fazer as suas desovas, e a gente vai lá para a extração do açaí, dentro da comunidade tem várias farinheiras, pessoas que trabalha com plantio de roça, com reflorestamento. Lá dentro da comunidade do Tauriry tem uma referência que é o seu Codico, ele é um homem que tem trabalhado em cima do reflorestamento, ele tem plantado de tudo, desde a teca, e vários tipos e ele é um exemplo para a nossa comunidade. E a gente tem aprendido muito com ele e essas táticas a gente só pode agora avaliar elas, em um momento como esse. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino



Ribeirinho e pescadores na Oficina em Marabá. E quintal do seu Codico, durante oficina na Vila Tauriry.

“Porque uma cartografia eu vi que é muito importante pelo sentido de que você agora, você pode narrar a sua história, você pode contar ela pontuadamente, você pode repassar ela para seus filhos, para a geração futura, você pode mostrar para seus pais, para os seus avós. Contar histórias para eles, daquilo que eles viveram e que eles leram histórias de outras pessoas. Lá na frente pode estar contando a história para eles e eles vão se sentir orgulhoso de saber que as suas próprias comunidades, elas estão voltada para essa questão e estão fazendo aquilo que eles não conseguiram fazer, as vezes por falta de conhecimento e por falta de oportunidade que não tiveram, né isso. Então muito importante. Esse aqui é o nosso trabalho, esses pontos verdes são, nós conseguimos mapear 25 ilhas, 24 ilhas. Tem vários pontos reprodutivo, de procriação dos peixes onde eles desenvolvem. Tem também vários pontos de pesca, aonde a gente vive dessa pesca, extraída pela natureza. E isso tudo para nós é muito importante porque é a nossa cultura, ela já é centenária, nós conhecemos, nascemos vendo nossos pais praticando essa arte, e os nossos pais contam histórias de nossos avós praticando esta área. Então nós queremos conservar, essa cultura de alguma forma e queremos ser ajudados através desse trabalho que tem sido muito importante. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino

PESCADORES E RIBEIRINHOS: CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS

“Aqui é a Vila Santa Cruz, o mapa da Vila Santa Cruz (...). É uma Vila muito importante, é uma Vila cheia de atividades. É onde nasci, me criei, casei, tive meus filhos, sou filha lá, tenho todo orgulho de ser filha de lá, não saio de lá não, só quando Deus permitir. Aqui é o cemitério, aqui é o ponto de ovos das tartarugas e aqui é minha casa, local onde eu moro. Aqui tem uma pesca de batida, aqui tem pesca profissional, aqui tem subsistência. Aqui tem bomba, que essa bomba aqui pessoal, os turistas que vão pra lá estão acabando com nossos peixes, entendeu. Jogando bomba aí, mata os grandes e os pequeno também. E aí se não tiver um jeito meu irmão, vai acabar. Porque nossa Vila lá é muito fácil de peixe, você podia cozinhar o arroz e jogar a tarrafa. Jogar tarrafa que na mesma hora enchia de peixe, muita fartura de peixe. E agora estão em extinção, pra você poder pegar um peixe passa o dia todinho e não pega um quilo de peixe. Tem dia aconteceu muitas vezes com eu e meu esposo. E a pesca de batida, eles pegam a tarrafa, as malhadeiras e arma dentro dos lagos, aí pega um pau e vai batendo e enche tudo quanto é de peixe. Enquanto eles ver um peixe pulando naquele lago, eles não deixam um, pega tudinho, e desse jeito como é que vai minha irmã? Desse jeito vai acabar, pretende acabar, se não tiver um jeito, vai ter que acabar. ”

(Maria Madalena Lopes da Silva)
Vila Santa Cruz, São Geraldo do Araguaia

“ Aqui ó, o tratamento dos turistas, eles têm uma casa aqui, parece uma casa de cidade com caixa d’água, com tudo. Eles passam o mês de julho todinho atormentando, nós pescador, que quando nós traz nossa cevinha pra pescar, eles vão lá jogar tarrafa, joga de tudo, entendeu? E ainda quer brigar ainda, a gente faz o que? Tem que dá um jeito nisso aí, acabar com isso, porque os pescador que são profissional que mora lá não pesca, e quando vai pescar já tomaram de conta, é assim, assim não tem jeito! Aqui é a cachoeira da Santa Izabel moço, aqui só entra lá quem sabe, quem não sabe, entra, mas não sabe irmão, porque a cachoeira lá é feia. Mas é onde é o ponto de pescaria, o ponto mais onde tem peixe. Onde tem o pacu branca, tem as curupeté que eu estava falando para vocês. Tem muito tucunaré, pesca muito tucunaré de anzol, tem aquelas piabas, pega muito lá [...]. E as tracajá, elas bota, tem a praia aqui, do Maguari que chama, praia do Maguari porque lá tem muito Maguarizão. A gente botou praia do Maguari, porque é onde eles [os turistas] ficam, e as tartarugas bota os ovos lá. E agora eles comeram os ovos também das tartarugas tudinho. Mas, agora com a ajuda da Ideflor-bio eles não estão mais comendo, porque o Ideflor-bio está recolhendo os ovos, e tem um homem lá que mora em Xambioá, o seu Agripino, e pega os ovos e bota lá. Tem um lugar lá que eles colocam os ovos lá para tirar as tartaruguinhas [...]. Aí eles vêm e soltam elas na Santa Cruz, entendeu? Aí o que que acontece? E eles solta aí, os bichinhos sai comendo aqueles capins, o pessoal joga o veneno na beira do rio, os bichinhos dana a comer e morrer. Desse jeito também não tem jeito, tem que dá um jeito, né minha irmã. Pois é minha gente era só isso que eu queria falar para vocês, entendeu? Porque os pescadores lá na Santa Cruz, lá têm muitos pescadores profissional mesmo de carteira, mas não tem nenhum aqui. Então estou representando meus colegas, meus colegas, meus vizinhos que lá somos uma família, somos muito unidos lá, todo mundo é uma família lá. A Vilinha é pequena, mas todo mundo é unido lá. ”

(Maria Madalena Lopes da Silva)
Vila Santa Cruz, São Geraldo do Araguaia



Dona Madalena Silva, mulheres quebradeiras de coco babaçu na Oficina de Mapa realizada em Marabá.

“ Foi anteontem um cara estava me dizendo que mergulhou bem ali no poço ali, pegou 30 tracajás de mergulho. Ele liga o aparelho, compressor e mergulha aí, pega até a derradeira. Aí ele vende uma assadinha no jeito naquele balneário de São João. Ele vende por 100 reais, bota uma Brahma de brinde, aí o pau quebra. Ainda sai a brinde, depois o cara arrocha mesmo no sério. Ali tudo gente que persiga o meio ambiente, mas se o cara ir falar um negócio desse bem aí, pode-se dizer que dá uma briga (...). (...) a pescaria de noite (...). eles colocam aquela lanterninha na cabeça de noite que é a hora que o cari é bem macinho, eles pega com a mão. Ele vem em cima da luz, vem na mão, o cari (...). Eles pagam de 50 reais, agora como eles está pegando muito eles baixaram para 40. Tudo bem, aí o pescador vai pescar de noite mesmo o peixe de escama, o peixe de escama já tá bravo, já correu, não deu mais. (...). O cari aço que é outro carizinho pequeno do rabinho vermelho, custa 10 reais, ele não caiu o preço não. Bota malhadeira, pega ele na malhadeira, pega a pescada e pega o outro peixe de escama também, tudo bem. O pescador que vai pegar só – como o Duca aí que vem lá do São Félix – e quer pegar só outro tipo de peixe vai penar. O cari mobil é um cari branco, branco, loirinho do zolinho gatinhado. Só um móbil, um móbil que eu queira pegar digo assim, até queria pegar um, mas não é minha área: mil reais um. ”

(João Nei Alves da Silva)
Castanhal Araras



Oficina de Mapa na Ilha dos Pescadores.

“ Ele não cai o preço. Um cuiu-cuiu mobil, ainda tem o cuiu-cuiu mobil, 12 mil reais um. Eles pagam na mesma da hora, 12 mil reais. Uma trairá mobil – todos esses peixes mobil, tem. 1500 reais uma trairá mobil. ((Mobil que ele tá falando é albino)). Exatamente, ele é todo lindo, loiro do zolinho gatinhado. Uma fidalga dessa mesma classe que to falando, 8 mil reais. (...) Um piau, tem o piau ainda, 6 mil reais. Tem a arraia também, uma arraia 1500 reais. Esse rio tem todo tipo de peixe que tô falando. ”

(João Nei Alves da Silva)
Castanhal Araras



Elaboração de croquis com pescadores e ribeirinhos, do São Félix I e região do Araras e Ubá, São João do Araguaia.



Porta da Vila Tauiry.

“ Tem o piau móbil, tem o cuiú-cuiú móbil, tem arraia, tudo tem esse tipo de peixe. Aí voltando a conversa para você ver, o cari aço que custa 10 reais, que não cai de preço, o peixe que custa esse preço, de escama – que nem você falou, agora que não tem peixe – tá o tucunaré, que está de 12 pilas lá no São Félix, o quilo de tucunaré. Aqui eu não sei que eu vendo é cambozão de 50 conto, 60. Pra você ver, um cari aço, pirararinha tá passando o preço. Aí que eu quero chegar no ponto, como tem o cuiú-cuiú mobilzão que é o lindo de 12 mil reais. Olha aí, qual é esse peixe que tem de 12 mil reais aqui que nós vamos pegar? Tem até mais caro, tem o pirarucu, mas é nós vendendo no quilo, que eu vendo ele pro Quero Mais de 27 reais. Eu vendo e vendo o filé do jaú, eu vendo de 17 a 14 pro Quero Mais, tanto da folha 20 como da Velha Marabá eu vendo. Esses tipos de peixes aí que está esse preço, vamos supor, botar na conversa o cari miele, que eles pagam aqui de 50, que agora caiu para 40 reais. Eles pagam os laranja, os laranja nunca diz pro pescador, o que eles (...) paga pra eles não, eles não falam não. Eles têm a moto deles boa, eles têm o carro deles bom, eles têm um aquário beleza. Agora os pescadores velhos que escorre o sangue, espoca os ouvidos, só ganha esse totalzinho aí. Quando eles vêm ganhar 2, 3 mil reais, laranja já vai ganhando de 8 pra lá, e já os chefezão já vai correr dólares lá no outro país, fora, o exterior. Isso aí ninguém sabe, que é um voo aéreo, é um tráfico, quer dizer que se é um tráfico, é um tráfico isso bem aí. Não estou perseguindo esse tipo de gente não (...) todos precisa de ganhar dinheiro pra sua família, mas isso aí também, atrapalha muito mesmo. Um pescador que como do pedral, que gosta de usar o pedral pra batijão, para pegar outro peixe de escama branco. Eu venho de noite bem aqui, (...). Eu sou um pescador que ama crua. ((...)). É, eu gosto do escurão, é difícil também não pegar um cambo, dois, um cambo. ((...)). É aí que é minha pescaria. Para esse tipo de gente que tá naquele trabalho, pra mim de onde eles estão eu não vou que eu não levo sorte, eu não pego nada. É tão, tanto que a minha pescaria, e se tiver banzeirando, como eu saio 3 horas, 2 da madrugada, se tiver banzeirando já não deu pra mim, que a água bate na pedra. Aí o peixe não fica no pé, não dá pra mim não, eu digo que não dá pra ninguém mesmo. ”

(João Nei Alves da Silva)
Castanhal Araras

GRANDES PROJETOS DE INFRAESTRUTURA E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS

“ É porque a Eletronorte chegou com uma conversa de porque era bom que fizesse a mudança. Porque aqui ia encher, ia ficar inundado de água, não tinha como vocês ficarem aqui. E aí você sabe, quando os grandes estão falando, os pequenos têm que acompanhar. Aí todo mundo: “não! então já que vai ser o melhor, vamos mudar, porque vai encher” Só que não foi do jeito que eles disseram. Aqui não invadiu água, a água aqui nunca encheu. Encheu na enchente de 80. Mas da barragem, ficou lá mesmo, e até hoje eu nunca vi água de barragem aqui, graças a Deus. Agora aí para baixo acabou tudo. Isso aqui, não, aqui foi só mesmo na enchente de 80. (...). Ela disse que tinha que mudar o pessoal para lá, porque ia encher, ia ficar por debaixo d’água, e ia fazer as casas do pessoal para lá, para o pessoal ter uma mudança, ficava melhor, aí todo mundo concordou nessa época, para ir para lá. Eles fizeram umas barraquinhas velhas lá, como eu falei pra ti. Fizeram umas barraquinhas velhas lá e aí nós mudamos para lá. O pessoal mudou. Um bocado mudou. Eles vieram aqui, quando eles estavam [retirando as pessoas]. Ou botava no motor ou botava no carro. Aí era só tirando o *bagulhozinho* velho de dentro da casa e botando e ia deixar. Ia uma família de manhã, derramava na casa lá, quando era de tarde buscava outra família. E assim foi a vida, até quando um levou um bocado e ainda ficou ainda aqui, ficou 17 famílias. (...) Essas 17 famílias, inclusive, ficou seu Zé Nicolau. Aí o pessoal dizia: “Nicolau, o que a gente vai fazer, moço? Aqui a gente não tem como comprar um café, comprar um açúcar, comprar as coisas” Ele disse: “não, a gente vai fazer uma vilinha, nós vamos ajeitar nossa vila aqui, aí onde tiver meio para a gente comprar alguma coisa, nós vamos comprando”. Aí eles começaram a botar um *botecozinho* por aqui, por acolá e foi arrumando, arrumando. E os outros para lá, né? Foram ajeitando, ajeitando, até que ficou nessas 17 famílias e foram fazendo a vilinha e foram ficando em suas casinhas. E aí nós lá. Aí nego disse: “rapaz, nós vamos é cair fora daqui desse lugar, menino” Aí todo mundo veio embora. Aí sempre essas promessas que eles vêm fazendo: ajuda hoje, amanhã, vai dar isso, vai dar aquilo. ”

(Antônia Pereira)
Comunidade Vila Tauriy

“ Casa oferecida pela Eletronorte aos remanejados da Hidrelétrica de Tucuruí Quando a gente tomou de conta das casas não tinha energia, não tinha água e eram cobertas de Brasilit, de madeira. (...) Eles prometeram um ano de manutenção, sexta básica. Eu acho, porque, quem não tinha emprego como eu, nem estudo, foi muito sofrido a gente tá num lugar com sete filhos, eu tive doze, mas ficou sete, graças a Deus, por isso. Então, pra sobreviver a gente pegava água no posto, que é o posto do Lago Vermelho. Carregando água como a gente carregava do rio aqui. (...) Porque aqui, depois, na mesma época eles acharam que não ia mais inundar, né? Então ficou alguns moradores que não ganhou casa lá, ficaram por aqui. Esses não foram embora nem um dia pra lá. Nem um dia. Nem um dia. Eu não sei porque, que aqui ficou dois ou foi três moradores. (...) Depois de muito tempo, eu não me lembro quantos anos, eles deram um cartão que parece que foi um ano de cesta básica.

O pessoal foram voltando, porque como eles não precisaram. E a gente não tinha como sobreviver lá, muitos foram voltando. Foram fazendo aquela moradia, a comunidade mesmo ajeitou, fizeram uma igreja, um colegiozinho para os meninos daqui, das famílias que voltaram logo que não aguentaram, né? Aí foi crescendo. Eu voltei pra cá tem 20 anos. Que agora já tinha energia, lá também já tinha. E a gente... Minha filha se formou em professora e meu irmão ainda era vivo e puxou ela pra cá para o colégio daqui. ”

(Maria das Graças Pereira Gomes)
Vila Tauriy



Casa oferecida pela Eletronorte aos remanejados da Hidrelétrica de Tucuruí.

“ Eu sou militante de um movimento social que acompanha a comunidade da Nielly, e sobre o que o Cristiano estava falando, essa comunidade é ameaçada pela hidrelétrica de Marabá. Caso saia essa hidrelétrica a comunidade dela vai deixar de existir. Porque (...) aqui como eles já mostraram, o paredão da barragem ela passa no meio da comunidade. Então essa comunidade ela vira um canteiro de obra, no meio da comunidade - de um paredão da hidrelétrica. E essa comunidade ela é de muita resistência, porque eles estão falando nós não queremos uma hidrelétrica aqui na nossa comunidade. Se caso sair a gente vai lutar para que as garantias de direito, seja realmente, que as famílias tenham realmente as garantias de direito. ”

(Gizely Sousa Moura)
MAB

“ Porque como há em outras hidrelétricas, essas, é quem diz quem é atingido e não é atingido é as empresas construtoras. Então essa comunidade ela vem há muito tempo se organizando lutando contra esse modelo que não é um modelo que desenvolve. Após: trabalhadores, ribeirinhos e as comunidades tradicionais, a primeira posição dessa comunidade é de organizar. Tem muitos que ver na comunidade, se não todos, o meio de qualidade de vida, está vivendo em comunidade, está vivendo em comunhão, se essa hidrelétrica sair, isso deixa de existir. Deixa de existir a comunidade que é centenária e, deixa de existir os laços familiares de parentesco, um grau de afetividade com as famílias que quando uma família sai pra ir na cidade tem quem possa cuidar dos filhos, tem uma relação de vizinhança, de amizade, de parentesco com essas famílias. Então a grande resistência desse povo é de permanecer na comunidade e se fazer comunidade. ”

(Gizely Sousa Moura)
MAB



Oficina de Mapa em Marabá e na Vila Tauiry.

“ Então em que que a hidrovía vai nos impactar? Porque é que o projeto deles, que eles vão trabalhar com essa navegação, e eles disseram que precisa de um trecho de 100 metros de distância, de largura, e na época de verão, de inverno, o rio lá na nossa margem do Tauiry, ele chega dá a 500, 600 metros. Mas na época de verão tem lugar que, de uma ilha dessas aqui que vocês estão vendo aqui. Isso aqui vamos supor é rio, as ilhas aqui, tem ilha aqui que você travessa a pé enxuto, fica só o leito do rio aonde fica localizado o canal onde eles vão fazer essa derrocagem. (...) E esse peixe que mora dentro do Pedral, no projeto deles, eles fala que ele vai ser um projeto que eles vão botar um tipo de explosivo que não mata o peixe, mas que simplesmente eles tem um detector sonar que eles vão colocar e o peixe vai correr, e vai vir a explosão rapidamente. Então, dá pra analisar uma coisa dessa, que durante um período de 43 quilômetros eles possa empurrar o peixe pra um lado e pro outro, para que ela possa está se locomovendo, não tem como. E outra coisa, quando eles quebrarem essas pedras, eles vão pegar aqueles rejeitos e colocar em outro lugar, em outro ambiente mais fundo na margem do canal. Sendo que lá também mora outra espécie de peixe, como o peixe de couro e outros peixes, que vocês são sabedores, que mora nas águas mais funda. Então aterrando aqueles locais e criando outros tipos de espaços. (...) E então a nossa estática de vida ela vai ser impactada e vai ser mudada, até esse período, o que que nós vamos fazer? Como vamos se atar? Porque até o momento eles, não, nós não fomos consultados, de forma alguma não fomos convidados para nenhuma audiência. Então nós manifestamos voluntariamente e com ajuda de algumas parcerias que nos deram algumas orientações e a gente vem fazendo esse trabalho. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino

DEMANDAS SOCIAIS E DESINFORMAÇÃO

“ O que eu vejo que nesse impacto, uma das principais coisas que foi que faltou para dentro da nossa comunidade, hoje, foi o acesso às informações adequadas, que as comunidades tradicionais e ribeirinhas precisavam ao longo do tempo. Porque o projeto vem nos causar impacto. Hoje que a gente tem visto que vai causar uma dinâmica na nossa cultura de vida. Ele vem ao longo do tempo, e todo esse tempo faltou as informações adequadas ao nosso modo de vida. Então nós vivemos dentro dessa área da preservação ambiental já há muitas décadas. E existe, várias leis que nos informa que comunidades dentro das Áreas de Proteção Ambiental, das áreas da União eles têm que ser avaliados e caracterizados de acordo com seus modos de vida. E como um dos projetos que hoje a gente está em vista, que é o processo da derrocagem, ele já vem sendo trabalhado há muito tempo, e essas comunidades há muito tempo que elas vêm desinformadas né, porque nós temos uma documentação que nos dá o direito a trabalhar em áreas da União. Esses documentos eles já são desde 2002, que ele vem sendo feito, o mosaico da APA de Tucuruí. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino

“Então essas informações elas nunca chegaram até nós hoje, nós estamos correndo atrás delas. Em um tempo já quase fora de tempo, porquê? Porque se ele estivesse nos avisado dava tempo, talvez nós não teríamos perdido nossas terras, por falta de recursos para trabalhar nelas, na área extrativistas, como o plantio da mandioca, plantio do arroz, do feijão, do milho, criação de peixe dentro das nossas terras. Que é coisa que a gente sabe fazer, e coisas que a gente, para fazer elas nós não dependemos de ninguém, nós temos uma profissão, já vinda de geração em geração. E a gente, se a gente tivesse essas informação e ajuda governamental para que a gente pudesse ter maquinários para trabalhar, para a gente trabalhar com a terra aradada, com açude. Tudo isso hoje para nós não seriam tão grande impacto, porque nós estaríamos firmes e atualizadas em uma área que ela não ia afetar nosso modo de vida. Porque nós sabemos que o peixe do rio é um complemento para nossa renda, mas por causa de orientação, então tudo isso foi migrando, da hidrelétrica para cá. Tudo isto foi migrando, porque faltou fiscalização e orientação dentro dessas comunidades, para que eles pudessem com a pesca e o modo de vida que eles vivem, eles ter uma vida autônoma, e bem sucedida, sem ter medo de qualquer impacto. Hoje que está sendo ameaçado essas comunidades, mas por falta dessas atitudes, dessas fiscalizações, hoje a gente está correndo atrás do prejuízo, porque nós sabemos que nós já perdemos já, as nossas terras, já perdemos os nossos direitos. E muitos foram tirados, como o caso da hidrelétrica de Tucuruí, que tirou várias pessoas das suas localidades e botou eles dentro da cidade. (...). Então nós temos o direito de viver dessa forma através das nossas culturas. E isso tem feito com que esses impactos hoje a gente possa se preocupar porque ele, é um impacto que vem causando na nossa trajetória de vida. Porque o que sobrou para nós hoje, foi o maior movimento que tem empregado essas comunidades, é o convívio da pesca. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino

“ (...) nós queremos mostrar para as pessoas lá de cima, como o governo federal que nós existimos, que nós residimos nesse local e queremos né ser vistos pois nós temos uma história e essa história ela não pode ficar, não pode ser esquecida, não pode se acabar nossa tradição, nós queremos mostrar isso, e que o impacto vai gerar na vida dessas pessoas através da hidrovia, através da hidrovia o que percebemos nas nossas comunidades é porque o meio de vida sustentável é a pesca dos ribeirinhos onde que vai ser mais impactado com deslocamento, e a dragagem de areia,



Rio Tocantins no entorno do Pedral do Lourenção.

pois temos também a nossas ilhas decorrer da dragagem da descolagem que se concentra grande parte de areia e aonde fica a nossas praias, praia de lazer, praia de ir para se divertir nas praias local de tradição todo ano tem praia e através de tudo isso a barragem hoje ela ainda continua nos afetando. Por quê? Porque sempre existiu o tempo da seca o tempo da cheia, mas eu acho que através desse projeto que eles vão fazer estão deixando a água concentrada sempre no nível na cota 74, o rio não está baixando hoje, por exemplo, mês de julho, já era pra tá saindo praia, e até agora não vemos nada, mas o impacto grande para nós, porque nós temos os nossos barqueiros que depende da praia para carregar o pessoal para praia, para o festival nas praias, e é isso que eu tenho para falar um pouco, os nossos companheiros vai falar mais um pouco. ”

(Rafael Cabral de Souza Alexandre)
Vila Belém

“ (...) se nós formos parar para analisar, já começamos a sofrer esses impactos. Que foi citado, algumas perguntas ali e alguma delas, justamente foi a falta de informação que sofreu, esse grande projeto, esse grande impacto. Porque nós temos uma grande certeza que, até o ponto desse projeto ser concluído, os maiores impactos eles já começaram. Porque já começou a oprimir as pessoas, já começou a oprimir as comunidades que vivem, tanto as comunidades ribeirinhas, quanto os indígenas, porque hoje nós estamos aqui vendo, e escutamos as histórias de pessoas que já sofreram esse impacto com hidrovia. Hidrovia não, com a hidrelétrica e não é nada diferente, mas ao mesmo tempo essa nova situação tem um efeito muito maior porque vai afetar diretamente não só as comunidades ribeirinhas, mas também as cidades (...). ”

(Domingos da Silva Santos)
Vila Praia Alta



Oficina de Mapa na Vila Tauiry.

“ (...) Então nós observamos e tomamos uma posição. Muitas vezes alguém diz: mas a voz do pequeno não vai longe, mas se tiver mais pequeno vai, e nós sabemos como funciona o sistema das formigas, uma sozinha não faz muita diferença, agora senta no formigueiro. (...) O mesmo caso é quando nós também observamos e se posicionamos. (...). Então quer dizer, nós estamos conscientes de uma coisa, nós ainda temos voz, alguém pode até não querer ouvir, mas se aparecer mais de uma, vai ser ouvida (...). Pode até tentar tirar, mas existe alguém que olha sempre para o lado dos mais fracos, não é todo, mas existe e eu acredito que é no mínimo 10%, eu acredito, então. ”

(Domingos da Silva Santos)
Vila Praia Alta

“ E nós vamos exigir ser ouvidos e nós vamos ser ouvidos. Por quê que tem a audiência pública? Existia município que nem audiência pública tinha, mas agora vai ter, e tem que abrir exceção para os habitantes, e o que quer dizer isso? Posicionamento e agir, que nós não temos mais tempo de ficar, ah meu Deus do céu e agora? Agora é fazer conforme com as ferramentas que ainda tem e as ferramentas que ainda tem não é porque somos coitadinhos não, você não é coitadinho não, você é um rico, que apenas tua riqueza quem tem desfrutado são os outros, capitalistas. A nossa riqueza, nós temos que tomar posse porque ela é a vida e a, não existe vida sem alimentação, não existe vida sem uma saída, uma entrada de finança. Porque ele e vem e troca uma coisa com a outra. Se for preciso nós e vocês tem que trocar pra sobreviver, um prato da castanha pra comer com a minha família. O extrativista vai lá pega o feijão e troca pelo peixe, nós temos essa forma de viver que temos, porque independente de classes, isso aqui que produziu é o que tenho e o que você produzir pode gerar pro teu irmão uma saída, entendeu? ”

(Domingos da Silva Santos)
Vila Praia Alta



Oficina de Mapa e elaboração de croquis em Marabá.

“ Então essas são as reivindicações que a gente tá fazendo para gente ser consultado, que através dos projetos, do PPA o DNIT, eles não consultou as comunidades para saber se existia há realmente o povo que depende do rio, então a nossa luta é para que? para que venha fazer um levantamento para nós sermos consultado, porque nós temos direito, nós somos comunidades tradicionais, nós reconhecemos dessa forma, porque a lei 169 da OIT ela diz que: é de povos tribais e povos tribais é aqueles que se reconhece como os índios. quilombolas e etc. Assim também nós somos ribeirinhos e nós reconhecemos dessa forma. Então nós estamos reivindicando o direito da consulta prévia livre, do estudo antropológico para que possa mostrar o nosso modo de vida, como a gente cultiva como a gente faz para sobreviver. ”

(Rafael Cabral de Souza Alexandre)
Vila Belém

“ (...) como meus companheiros disseram que nas comunidades não têm saneamento básico, não tem água tratada, como nós fala que nós utiliza a água do rio já é poluída com a derrocagem e com o projeto da hidrovía vai ficar mais poluída ainda e que nós não tem água tratada que nós utiliza a água do rio, a maioria das pessoas não acredita, que nós anda mais de 500 metros para ir buscar água no rio quando os poços da Vila seca e que é na Laje de Pedra pura ali só, no Praia Alta mesmo, em cada 3 metros a laje de pedra, a gente anda 500 metros para lavar roupa no rio, carregar água nas costas no tambor até para beber a gente bebe água do rio quando não tem água nos poços, com esse projeto vai beneficiar bastante o governo né porque as comunidades mesmo igual a pergunta que foi feito lá. Para quem vai servir esse a hidrovía? Para os ribeirinhos não vai servir porque ninguém vai botar sua produção que você produz, sua farinha, seu açaí, as polpa de cacau, de cupu naquela barçaça, não, vai servir só para os grandes empresários para as pessoas do governo só pessoas grandes lá de fora não vai beneficiar ninguém das comunidades, nós vamos ficar só sentado ali vendo as barçaças passar. ”

(Ruan Oliveira de Souza)
Vila Praia Alta



Oficina de Mapa e elaboração de croquis em Marabá.

PEDRAL DO LOURENÇÃO: LUGARES E RIO NAS HISTÓRIAS LOCAIS

“ Eu gostaria um pouco de apresentar (...) a comunidade Boca do Praia Alta. É um lugar onde, desde quando eu nasci, meus pais me criaram, me criaram através da caça, da pesca. Meu pai era um, um piloto de barco, ele trabalhava transportando a castanha. Que ele subia aqui por essa grota aqui que chama Praia Alta. (...). Meu pai, então ele subia pra poder colher castanha, pra vender na cidade. Então esse é um trabalho o qual ele nos criou. A minha mãe já tá falecida, tem deixado 9 filhos, 9 filhos não, 8 filhos que o meu pai criava. Então desde nascença, desde novinho ele criou nós, ele não deu nenhuma criança pra alguém criar. É um lugar assim que nós aprendemos. Como nós moramos num lugar desses, nós usamos uma história pra contar. Esse lugar de primeiro não havia muita casa, igual está tendo ali – ali não estão as casas todas que estão lá. Uma comunidade que é assim, ela nunca se evoluiu, por causa também de um poço artesiano que só vem promessa dos políticos, nunca chegou esse poço nesse local. É um local de pessoas, aqui é um ponto de pesca, onde pessoas que vem de fora pescar. E é onde nós conseguimos ganhar o dinheiro. Através desse deslocamento das pedras que vai acontecer, muitos pedral, onde os peixes eles ficam, esses ovos ali, não vai haver mais, porque os peixes vão sumir, vão morrer um bocado. Então as pessoas vão parar de vim pra esse lugar, e aí não vamos poder ganhar o nosso dinheiro. Então nós dependemos desse Pedral, nós dependemos dessa área, onde nós conseguimos nós mesmo pescar, nós conseguia o peixe pra nós alimentar nossas famílias. E acima de tudo, assim conquistar algo, nós queremos ser reconhecidos, não queremos ser narrados, queremos ser autores da nossa própria história. Porque nós temos uma história pra contar, isso aqui vocês estão vendo é uma história, aqui como alguns já têm citado dessas comunidades. É uma história que vocês que não conhece, vocês estão conhecendo aqui através de nós, através desse mapa aqui que nós temos feito. ”

(Abel Moraes do Nascimento)
Vila Praia Alta

“ A água era tão forte que essa areia aqui era carregada para outros rumos. E podia vir peão, até que enxergava o remanso dessa pedra, aí cortava aqui. (...) Santa Antoninho, aqui por onde nós viemos, é um furo só para tirar a diferença da volta. Então, a gente viajava por aqui, mas descia aqui mais no pé, na ponta da ilha ali. Aqui onde nós estamos, a gente passava com o motorzão carregado de castanha, não tinha essa praia, tudo era água. (...) Antes, daqui campo afora, aqui onde nós estamos falando, aqui nós temos o canal pra acolá, o canal mesmo. Você vai ver daqui a pouco. Isso aqui é o furo onde a gente desviava para vir direto, uma reta. Agora quando a água baixava, que não dava mais, era aqui no canal grande. Ali, adiante daquelas pedras ali. Lá que é o canal que a gente desce. Quando vem subindo, de acordo com a altura da água, atravessava para pegar isso aqui, para ir embora. E quando não tinha mais água que desse para a gente vir por aqui, era lá no canalzão grande mesmo. ”

(Pedro Gomes Macena)
Vila Tauiry



Representação de Ilhas no Pedral do Lourenção durante a Oficina de Mapa na Vila Tauiry.

“ Esse Lourenção, quando me entendi, falaram que botaram esse nome porque morreu um homem lá chamado Lourenção. Foi atravessar, caiu lá dentro e morreu. Alagou, morreu, aí ficou por Lourenção, isso que eu sei. Contaram essa história de quando eu era menino, ouvi falar essa história. Após o Lourenção, vem aqui a Sumaúma. Não, primeiro é Praia Alta, a pancada do Praia Alta. (...) Depois do Praia Alta é que a Sumaúma. A área de garimpo, é rico também, porque ali deu muito diamante. Tu vês aquele canoão, aquilo foi tirado, próximo aquelas pedras, aquele buracão, ali diz que não queimava não [não queimar significa sempre haver diamante] (...). Aí depois de lá tem esse Puraquequara, bem aí, por onde nós alagamos. Aí veio aqui, só tem nome do lugar aqui Ipixuna Velho, agora já é Volta Redonda. Depois daí tem o Carreirão. Mas ali no inverno não tinha, não, era tudo isso só no verão. Lá o motor subia dando cabo [puxado]. Depois daí ia lá pra Saúde [Vila], da Saúde, tinha o Repartimento, lá é rebojo forte. Lá mexia com tambor, ficava cheio, amarrado com cabo de aço, ele ficava dançando assim em cima, suspendia, a pressão da água por baixo assim, a praia branquinha, passava aí, coisa forte. Daí voava para o Cajueiro, no inverno. Quando não dava mais no Cotovelo, que é um desvio também, era no Cajueirão mesmo. Pancada [cachoeira] muito forte lá. Aí depois de lá era o Capitariquara falado (...). Tinha a Volta do Engenho, primeira volta que a gente faz, é a Volta do Engenho, de lá pulava pra Volta do Vegiro. De lá saía no estirão assim, aí descia para as Três Pedras, lá podia botecar olho [ficar atento] também, porque lá era muito perigoso. Lá foi que morreu finado Aviante (...) Pois é, e esse Capitariquara, depois dessa cachoeira grande, depois do Jacundá que a gente passava, tinha a Caixa D'água. Depois, para sair daí tinha o Remansão, mas não era cachoeira, era uma Vila que tinha lá. Era só pedralzão, mas tudo perigoso, que pra lá não é como aqui, não. Lá são pedrais espalhados, mas é raso, tinha que saber mesmo viajar. Tinha lá o Rebojo das Cruzes, o Guaribão, só pancada forte. Mas rebojo brabo é até passar o Capitariquara. O Capitariquara já era o último que a gente passava. Chegava em Tucuruí era só descarregar. E arrastava a noite todinha, essa hora assim, às vezes, já tinha passado no Tauiry. Porque é longe de subida, porque corria muito. Olha, a gente saía das 6 horas da manhã, chegava umas duas horas da tarde lá [em Tucuruí]. Pra vir, pra viajar a noite todinha e passar a essa hora por aqui. ”

(Pedro Gomes Macena, Vila Tauiry)

USO SOCIAL DO TERRITÓRIO E DOS RECURSOS NATURAIS

“Hoje a maioria dessas pessoas deixou de trabalhar na roça para trabalhar na pesca. Então, com ajuda do seguro-defeso, e com o tempo que é de pesca liberada, hoje essas comunidades com pouco que restou, do meio de trabalho no campo, esse complementa a mesa deles. Então, hoje nós nos tornamos autônomos da nossa própria história, porque nós vivemos daquilo que nós sabemos fazer. E aí a gente sabe que o rio hoje ele é o nosso ganha-pão. A maioria aqui dessa comunidade eles sobrevivem do rio. Tem muitos aqui que tem terra e que trabalha nas terras, mas com tudo isso a gente ainda tem medo desse impacto. Porque não tem ninguém voltado a essa questão, de dizer vamos ajudar o pequeno agricultor, vamos ajudar o pequeno lavrador, o pescador que vai sair do rio. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino



Pescadores de Marabá, nas ilhas e rio Tocantins.

“Antes aqui tinha bastante peixe, aqui tinha o cardume da curimatã, tinha a caranha, tinha a piabanha, tinha o jaraqui, tinha a pacu branca, e agora é pouco que tem. Tinha muita fartura de peixe, para você ver, só que era mais difícil porque a venda do peixe aqui, por aqui perto não tinha. Era o ponto do peixe, era só em Marabá nessa época. Depois da represa já surgiu a Itupiranga aqui, já mais perto, aí já surgiu outros mais embaixo aqui: Santa Rosa, Porto Novo. Ficou mais comercializado o peixe. Já ficou mais, já ficou melhor para vender, sabe, mas antigamente era só Marabá que tirava o peixe aqui. Nós recebíamos, em Marabá com gelo, o motor,



Acesso de embarque do pescador José Viana Brito, Vila Belém.

pegava o peixe aqui nessa região aqui levava para Marabá. Agora não, agora a gente, aqui aparece o comprador aqui Itupiranga, vem para cá. Na luada aqui que nós pesca, o peixe que ainda dá bastante aqui, que é, a gente ganha um dinheirinho para comprar alguma coisinha é o a voador e o mapará. Mas é só na época mesmo sabe, o a voador já passou já, a força do a voador dá duas luada boa. Aqui que a gente pega bastante voador, aqui na caçeia. Até os compradores mesmo que vem pegar aqui mesmo direto, também com a gente. Nesse período eu fico aqui mais é parado aqui, esperando aí ver se o rio baixa pra pescar o tucunaré no anzol. Aí eu pescar o tucunaré, tem uma canoinha aqui, tem o motor, aí eu vou levando a vida aí devagar. (...)

Mudou, mudou bastante aqui, porque antes da represa aqui, o peixe, tinha bastante peixe. Tinha fartura de peixe aqui, hoje em dia não. A gente não vê mais, a curimatã, (...) que eu, cansei, mais um irmão meu – que morreu até esse ano agora, morava em Marabá – nós com duas redes dessa daí que está em pendurada, está faltando o fundo dela aí sabe, se chama tarrafa. Com duas tarrafas dessa daí nós cansamos de pegar mil, mil e poucos de peixe nadando. O curimatã, tinha bastante, mas e agora, quando aparece uma curimatãzinha aqui, a gente só sabe da notícia que pegaram nos amarrador, que tem pro rumo debaixo aí. Modificou muito a pescaria. Jaraqui tinha bastante também. Agora o peixe que multiplicou muito também que não tinha antes da represa foi o mapará, mapará veio surgir depois da represa. Aí surgiu o mapará, o mapará dá bastante aqui. ”

(José Viana de Brito)
Vila Belém

“Esse pesqueiro que nós estamos fazendo aqui, ele vai se acabar, aí só vai ficar o pesqueiro de Santa Isabel para frente. (...) O que vai mudar aqui para nós, por exemplo, esse paraíso, as ilhas, vai tudo de água baixo. Aí quando, como é que nós vamos fazer? Tem o local dos amigos, saio dali de casa, venho para cá, visito eles ali e fico por aqui. Aí quando fizer a barragem mesmo, que vão fazer por aqui, aí isso aqui vai acabar com tudo. (...) Tudo vai pro fundo. A gente sempre procura as coisas melhorar mais para nós, porque eu no meu ponto de vista, o governo, está investindo só nessa parte. Não está investindo na parte do agricultor, não está investindo na classe do pescador, não está investindo na classe dos ribeirinhos. Aí vai se acabar tudo e aí nós vamos para onde? Para onde nós vamos? Essa ilha das Araras é a mais alta e a maior, ela vai pro fundo, aí vamos mudar para onde? Até a pescaria vai ter que mudar, os meninos aqui, por exemplo, que eles têm carteira, eu não tenho carteira de pesca, esses que tem a carteira de pesca, seguro. Seguro não sai diretamente para todo mundo, sai para uns e outros não, vamos ter que se locomover para pescar de Santa Isabel, Conceição do Araguaia, essa região aí todinha que a gente conhece, ilha do Bananal, essa parte aí, subir. Já tem outras barragens no Estado de Tocantins aí outro aqui para nós, acabou nosso paraíso!
(...). Outra coisa que tô sentindo muito aqui, é sobre meu menino no colégio tenho que levar ele todo santo dia no Castanhal Araras, ir e voltar, todo dia. E tem dias aqui que o banheiro está muito forte, é obrigado eu vim com ele pelo seco, deixo a canoa e venho pelo seco por causa do transporte que não tem, além tudo, minha canoinha é pequena, agora vamos trabalhar para ter uma canoa maior. ”

(Osvaldo Carneiro da Silva)
Ilha das Araras



Senhor Osvaldo. E Elaboração de ícones, na Ilha de pescadores.

“Mudou porque (...) muito arrastão que teve demais lá embaixo, mudou demais, não vem mais essas coisas que vinha de primeiro, vinha muito, agora está vindo muito pouco, tem esse pouquinho. (...) Agora, curimatã, depois que tirou os arrastos lá de baixo, aumentou bem. Achei bom o trabalho daquela mulher lá embaixo, foi muito bom, deu pra vim peixe pra nós, ainda hoje vem maloca de peixe ainda. Agora fora esse peixe morador mesmo do pedral, aqui - como é que é - a região do Araras aqui, pode ser pouco, mas não desce batendo, tem que pegar. ((...)). Curimatã, jaraqui, mesmo morador, pescada, é paboca, no dizer, que é a pacu, o cari mesmo, o piau, branquinha, o carazinho, é jaú. Esse tipo de peixe é mesmo o morador daqui. Piranha que tem muito ainda, tem esses tipos de peixes aqui ainda. Agora outro peixe, pirarucu, já era, é uma lenda já, não tem mais quase. Tucunaré tinha muito, está ficando já muito pouco também (...). Está pouco também o tucunaré, vai fazer que nem o Lourenção, vai acabar também. Antigamente o Lourenção era coisa do tucunaré, agora não está sendo mais não. E aqui está tirando fino pra ficar igual o Lourenção também. O pessoal de Marabá a maioria vem pegar aqui de noite no mergulho, eu sou contra, sou contra e assino baixo. Sou contra demais,



Termo de Autorização de Uso sustentável, de João Nei da Silva, pescador e ribeirinho do Castanhal Araras, São João do Araguaia.

negócio de pistola, eu mergulho, mas mergulho como: minha tarrafa. Mas negócio de matar peixe no fundo, não mergulho não. ((...)). Isso para nós afeta muito, espanta muito. Eles matam de pequeninho, de grande e pequeno, para nós atrapalha muito isso. De noite é muito, é muita lanterna, para nós é ruim esse trabalho a noite. Para funcionar ou não, não com inveja, com ganância, mas atrapalha muito para nós. Mas tem jeito, porque é nossa profissão, a gente paga nossos direitos, direitinho, colônia, tudo corretinho, não é ganância, todos precisa, mas também para atrapalhar nós. ”

(João Nei Alves da Silva)
Castanhal Araras

“ Quando você limpa mandioca ela é rápida, ela corre, você, aquela ali do menino o jeito que ela tá ali. Sempre quando limpa aquela nossa ali, você olha por baixo e não ver o mato, aí ela desenvolve muito. Abafou, ela conserva limpa, ela forma mais rápida, desenvolve mais ligeiro, ela limpa. Nós aqui faz essa farinha, como o caso que até admirou as pessoas, (...) de quatro linha de mandioca o cara fazer 203 sacos de farinha. Que muita ainda hoje diz que é mentira. (...). Então ela rendeu muito, mas é zelada. Você viu que você está arrancando, não tem um mato para arrancar, só o pé da mandioca. (...).



Seu Codico na fabricação de farinha de mandioca.

Arranquei, no ano passado, arranquei umas duas arrancas lá ainda. Era mandioca pra arrancar, mandioca ali era só... virando mesmo de um pé

para o outro, arrancava 10, 20 sacos era só rodando. Esse ano ali a gente viu que ela tá mais miúda esse ano a raiz. Muita raizinha mais miúda esse ano. Ele plantou ela muito funda, gradeou a terra, e aí plantou logo, e a terra, ela ficou muito funda. Aí ela muita funda não tem como ela formar muito, a mandioca quanto mais ela rasa mais ela é boa pra raiz, ela forma mais, ela ficando muito funda, não dá muita raiz não. Quando ela fica rasinha, em cima da terra, que o sol que é bom mesmo é cima da terra. Ela tem mais rendimento. //

(Antônio Lisboa da Silva)
Vila Tauiry



Representação Associação e Festival do Açaí, na Vila Belém.

“ Na Vila Belém, nós temos também o festival do Açaí que já é tradição já tem mais de (...) 11 anos de Festival de Açaí. Concentrado dentro da Vila Velha através de associação e as comunidades que estão inseridas sempre em prol de acontecer um marco grande é o açaí. Hoje também na comunidade Vila Belém a maior renda que existe dentro da Vila Belém é a questão do peixe. O lugar que emprega mais gente é o Rio Tocantins, onde nós temos nossos pontos de pesca. (Rafael Cabral de Souza Alexandre. Vila Belém).

O menino que morava mesmo aqui, tinha uma casinha, que se chama Eduardo. Ele mora bem aí, tem uma casinha bem ali, ele disse rapaz vamos fazer um festival aqui para movimentar aqui. Dava bastante Açaí, aí não! Então vamos fazer do Açaí, foi criado esse Festival do Açaí, aí todo ano está fazendo, todo ano, dá bastante gente, dá um torneio aqui. De noite tem uma festa, bastante gente, o ano passado deu bastante gente aí também, teve a festa. //

(José Viana de Brito)
Vila Belém

SABERES DA PESCA E PRÁTICAS NO TERRITÓRIO



Rede de pescador de pescadores da Vila Belém.

quando o rio está cheio, que é pra ela passar a boiada catando aquele peixe que vem subindo, que é o mapará, o voador, a curimatã, vários, várias espécies de peixes. E aí a gente pesca dessa forma. //

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino

“Falando dos nossos pontos de pesca, nós temos o ponto de pesca para pegar uma espécie de peixe que é o mapará, temos o ponto de pesca chamada prainha, pesca de caceia da prainha, caceia da Praia, caceia da Pedra, caceia da jega, caceia meio, caceia da costela, caceia da nova descoberta, caceia da aparecida e a caceia do costela, caceia da sumaúma e a caceia do Inferninho. Esses tipos de caceia, são as redes lançadas e nós pescamos. Neste local onde vai passar o projeto da hidrovía, aí esses pontos de pesca com a hidrovía eles vão sumir. Porque nós pescamos bem no canal e quando está seco na região, no tempo da seca, esses pontos de pesca ele tem aproximadamente 120 metros, que é o tanto de rede que a gente coloca na água para pegar o peixe. Pescamos com dois panos de malhadeira, cada pano dá 60 metros de rede, aí depois que for passar esse projeto como vai ficar? Se a gente pesca naquele local, eles vão fazer o deslocamento com certeza. Vai acabar né? E como vamos sobreviver depois que acabar com nossos pontos de pesca? Os peixes que vão se afastar daquele local? Provavelmente muitos vão morrer, com certeza vão morrer, outros vão se afastar, não vai passar mais naquele local, vão procurar outro lugar para passar. E a gente que mora e depende do rio para sobreviver, depende do peixe, da pesca, como vamos ficar? //

(Rafael Cabral de Souza Alexandre)
Vila Belém



Pescado capturado na luada no entorno do Pedral do Lourenção.

“A *luada* é quando a lua vai ser nova e a gente fica esperando. Ela ser nova é a época que o peixe vai migrar de um rumo para outro. Então aquela época que nós arruma nossas tralhas para nós pegar aqueles peixe. Aí aquilo é *luada*, é o piau, a curimatã, o avoador e o mapará, tudo em cima da *luada*. Passou a força da lua, aí ó, tchau! Você pode botar um pedaço de rede lá dentro da água, passa o dia todinho lá dentro da água, você não pega nem para comer. É a *luada*, significa isso. Em cima da *luada* você botou sua rede lá, o peixe está subindo, está pegando, (...) você vai fazendo a sua renda. Dura 15 dias, 14 dias aí passou a *luada*, você pode botar lá e 200 300 metros de rede dentro da água fica lá, cria lodo e você não pega mais nem para comer. //

(José Viana de Brito)
Vila Belém

“Fora da *luada* tu podes colocar a malhadeira lá, não pega um peixe, não pega. Não sei, parece que acha um buraco e entra para dentro, cria um lodo e não anda, não sei que diabo é isso. Pra ti ver, no Maranhão o peixe sobe e desce né. Aí aqui não tem isso, o peixe só faz subir, nem vejo falar: peixe está descendo. É de inverno a verão o peixe subindo, toda *luada* o peixe sobe. ”

(Antônio Lisboa da Silva – Codico)
Vila Tauiry

“É para a questão da *luada* também para cada tipo de peixe, por exemplo, que dá em abundância como, por exemplo, o mapará e o voador eles têm o mês certo para pegar. O mês de maio junho e julho é o tempo do voador, aí passou esse tempo aqui em cima é muito difícil pegar. Aí vai esperar só para outro ano o avoador de novo. O mapará é agosto, setembro e outubro. Esses três meses é do mapará. Passou, também é muito difícil pegar o peixe, a proibição. Aí vai esperar só pro outro ano o mapará de novo. Para tudo aí de que que nós vamos sobreviver durante a proibição? Já foi falado vem o seguro-defeso, aí vem a nossa tradição também de plantar macaxeira, mandioca, fazer a farinha, tirar o açaí. Quem tem um pedaço de terra fica pelejando, até voltar a pesca novamente. ”

(Rafael Cabral de Souza Alexandre)
Vila Belém

“Além da pescaria de caçeia, quando termina a pesca de caçeia como é que funciona? Ele disse que a gente vai cuidar das roças né, mas tem a pesca de rede parada também. Terminou a caçeia, às vezes o peixinho beirando o rio, essa escadinha de peixe que vem beirando o rio. A caçeia é no meio do rio. Aí você vai pescar de rede parada também, aquele peixe morador também, que é o peixe morador da região. O piau é rede parada, o pescado é rede parada, a curimatã é rede parada também, o mandi. ”

(Cícero Alves da Silva)
Vila Belém

“E o nosso peixe ele migrou, e nós sabemos que essa bacia é uma bacia que ela conserva aí várias espécies. Então nosso peixe ele não sumiu, ele tá aí, ele tá dentro dessa bacia. E mesmo com as informações que hoje nós estamos obtendo, a gente está disposto a colaborar com qualquer instituição que venha nos orientar para que a gente possa ainda resgatar essa bacia de trabalho. Para que a gente possa um uso sustentável, sem precisar correr daqui para outro lugar e procurar um outro modo de vida que nós não estamos adaptados a ele. Então para nós é importante nós resgatar nossa cultura e ter ajuda necessária em cima desses impactos. Futuramente a gente vê pelos nossos olhos, e pelas nossas dinâmicas de vida que nós vamos ser afetados. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino



Canoa de pesca na Vila Tauiry.

“(…) eles falam o seguinte que o rio ele é um órgão da natureza, né, e se ele é um órgão da natureza, para se fazer uma hidrovia, sendo bem claro, falando a verdade, vai ser uma coisa industrializado, né. Então quando se faz uma indústria ela não é mais a matéria prima, quando se industrializa ela, né. Então se mudou de matéria prima para indústria, com certeza vai mudar. Então tem que avaliar essas mudanças e esses impactos, porque com certeza vai ter. Com certeza o peixe vai dificultar, as vezes ele vai mudar de moradia também. Porque às vezes ele mora lá onde vão mexer no canal ou ele pode morar perto. E com a zoadá dos rebocadores que vai passar ele pode mudar de local também. No caso da pesca de avoador que eu estava falando pro [...], na audiência em Itupiranga, e ele disse que nem conhecia, ele não sabia nem como era a pesca de avoador. Eu falando pra ele que a gente colocava a malhadeira no meio do rio e sai puxando pra beira do rio né, com a canoa até chegar e para. A gente não para, a gente deixa descer até o que der. E ele disse 100 metros, e eu 100 metros que nada rapaz, é 500 metros, 1000 metros. Ele disse é rapaz. Eu falei é, falei até pro Rafael eu tenho um vídeo pra lhe mostrar. Aí eu falei pro Rafael mostrar pra ele, porque o Rafael tinha um vídeo gravado no celular dele. Aí foi ele que passou pra eles. Você desce aí 500 metro, 1km, o que der pra descer né, enquanto não enganchar. ”

(Cícero Alves da Silva)
Vila Belém



Pescadores de São Félix, Marabá, no rio Tocantins.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL E DEMANDAS LOCAIS

“ Enquanto o projeto, ele disse que não vai atingir, que o impacto vai ser um impacto positivo. E que vai trazer recursos para o município, para o estado, é nós sabemos que vai. Mas nós sabemos que as comunidades que vão ser impactada, é essas que pedem, dentro dessas comunidades tradicionais, a onde os recursos que vão vir lá para o município do estado, talvez eles não vão ser usados dentro dessas comunidades. Porque nós sabemos de recursos da Eletronorte que tem vindo para as prefeituras e para o estado, de Royalties e mitigações que vem para dentro, mas que eles não retornam para dentro da comunidade. E que esse poder político ele consegue tudo isso através do nome dessas comunidades tradicionais. Mas quando é para liberar algum recurso para dentro dessas comunidades a gente não tem participado de nenhum benefício desse. Então é por isso que nós criamos hoje uma associação em que favorece todas essas comunidades e nós estamos nos unindo com parceria. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino



Pesca do *avoador* e preparo de caldeirada de acari por pescadores de Marabá em ilha do rio Tocantins.

“ (...) poderemos ter o recurso que já temos, que foi devido a hidrelétrica, mas não recebemos porque o poder político ultrapassa, atrapalha, fica todos pra eles e não traz pra dentro da comunidade. Como aqui nós esperamos, tenha, muito tempo, um poço artesiano para abastecer a comunidade, nunca chegou. Mas esse recurso já é vindo para comunidade, mas não foram apresentados para a comunidade. E aqui o que nós queremos com essa apresentação? Mostrar para o mundo, mostrar pra eles que nós existimos ali, nós precisamos de algo para se manter ali, nós precisamos de algo para quando a nossa família, a nossa geração vim, nossa geração vindoura, ela possa conseguir entender e conseguir conciliar a vivência com esse trajeto, da vivência da nossa cultura. Hoje aqui na Vila Belém que somos tradicionais, é, temos a cultura do Festival do Açaí, festival do mapará, quando essa hidrovía passar aqui, como vamos fazer com o festival do mapará? Se o mapará passa aqui, ele não vai ter mais, e o que que podemos fazer? Podemos fazer, reivindicar isso pra trazer projeto pra nossa comunidade, pra criar um peixe, queremos projeto dentro da nossa comunidade com algo que possamos criar algo sustentável para nossa futura gerações. Assim, eu estou começando agora juntamente com toda comunidade aqui, com nossos irmãos. E pelo o que eu entendi, pouco, pelo que foi falado, nós estamos aqui com a parceria, com as Universidades, com todos que estão aí nos apoiando, com essa cartografia para tentarmos levar um pouco do conhecimento que temos na nossa comunidade. Apresentar isso com um todo, referindo ao contexto, não para nós, mas para aqueles que virão após nós. ”

(Rafael Cabral de Souza Alexandre)
Vila Belém



Vila Volta Redonda e Praia Alta.

“Nilton falou a respeito dos benefícios que vem para dentro das prefeituras a qual nós somos contemplado por exemplo, os royalties, os ICMS ecológico, verde, a qual seria, que era pra ser empregados dentro das Comunidades O que não temos, hoje, nas comunidades que esse benefício era para vir para nós. Por exemplo, não temos um Postinho de Saúde, nem na Volta Redonda, nem na Vila Belém, na Praia Alta. Na comunidade Vila Praia Alta, não tem tratamento de água, não tem poço artesiano, não temos um colégio com uma estrutura elevada para os nossos alunos, nossos jovens, até os nossos adultos também. Não temos estrada de acesso rápido, as estradas hoje muito precária nas nossas comunidades. Também não temos praça, não temos asfalto nas comunidades. ”

(Rafael Cabral de Souza Alexandre)
Vila Belém

“Porque nós somos autor da nossa própria história. Então, nós não precisamos ter medo de falar a verdade. Porque, e foi isso que fez com que o DNIT o IBAMA, DTA Engenharia, se juntasse todos eles para criar essa audiência pública para que hoje nós pudéssemos ser ouvidos, né. Então a gente achou que não tinha informação suficiente, mas juntando tudo, a gente conseguiu ver que nós não somos qualquer um. Que nós somos pessoas que nós temos possibilidade de entrar com ação na justiça e reivindicar os nossos direitos, garantidos por lei. Porque nós sabemos que existe uma série de leis que favorece essas comunidades, né? E hoje nós estamos aqui diante de uma circunstância em que tudo que o nós estamos fazendo, é porque nós acreditamos que é bem-vindo para mostrar o nosso afeto, e o nosso interesse e o nosso potencial diante dessas situações e dessa dinâmica que vão afetar nossa vida, se nós não fizermos nada, o resto de nossas vidas. Aonde o meu filho, meu neto o meu avô já vem sofrendo e muitas gerações das nossas gerações. Então para que isso não aconteça mais é que nós resolvemos botar o pingão no i. E começamos por aqui pelo Tauri, para que a gente possa nos identificar e ajudar uns aos outros. Então tem essas comunidades que está em torno do Pedral do Lourenção, e que foi, e que foi algumas ideias favoráveis que vieram a nos considerar como, como comunidades tradicionais. E que a gente não tá sozinho, que tem alguma parceria de alguém que está disposto a nos ajudar. Então veio algumas, professores para fazer essa cartografia, veio monitoramento da pesca. ”

(Nilton Lopes de Melo)
Vila Santo Antonino

“Para nós aqui é importante isso aí, nós todos reunir, para ver essa questão, ver se alguém nos enxerga, porque nós tamos aqui, nós, não têm sido enxergados. É cada qual por si e Deus por todos. Com essa parte para nós aqui é boa, nós, se reunir todo mundo e fazer essa parte, reunido, tranquilo, eu acho bom, eu to pronto para fazer isso aí, ajudar os companheiros. Mesmo que eu não faça parte da pescaria do dia a dia, mas eu faço também para ajudar os parceiros, que eu moro bem aqui na ilha, eu preciso da ajuda de alguém, preciso que alguém me enxergue lá e vem na minha casa. O quê que está faltando aqui na sua casa, o quê que você quer pro seu benefício, enxergando a pessoa. Enquanto não for divulgado, fazer sua parte, nós nunca vamos ser enxergado, principalmente ribeirinhos e pescador. ”

(Osvaldo Carneiro da Silva)
Ilha das Araras



Pescadores de Marabá, em Ilha do rio.

CRIANÇAS PARTICIPANTES

Nas comunidades e durante as oficinas de mapa, as crianças participam das ações como parte de seu processo de sociabilidade juntos aos familiares e adultos da comunidade.

Entretanto, dessa vez, as crianças de Santa Cruz participaram, de modo especial, da pintura dos ícones das situações representadas pela comunidade. Em atividade proposta como reforço às interações no processo social e educativo por elas vivenciados.

Vitória	Estêvão
Rodrigo	Jessica
Amanda	Saulo
Ludmila	Pedro Henrique
Julia	João Lucas
Marcos Rafael	Joice



Oficina de Mapa na Vila Tauiry, em Itupiranga.



Elaboração de croquis e ícones na Ilha de Pescadores, Marabá.



Oficina de mapa com pescadores, ribeirinhos, extrativistas e indígenas, em Marabá. E Oficina na Vila Tauiry.

1. Boletim Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense.
2. Ribeirinhos, Pescadores e Pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu-Pae Santo Afonso: Território e Resistência de Nossas Origens.
3. Boletim Informativo dos Povos Indígenas do Vale do Javari.
4. Cartografia Social do Baixo Tocantins até sua Foz no Rio Pará, ao Sul da Ilha de Marajó: Povos e Comunidades Tradicionais na Rota dos Grandes Empreendimentos, no Pará.
5. A Guerra no Território do Conde: Comunidades Tradicionais, Migrantes, Estado e Empresas na Disputa Territorial.
6. Trabalhadores da Agricultura Familiar: Acampados Oprimidos pela Mineração em Canaã dos Carajás.
7. **Pescadores e Ribeirinhos Sudeste do Pará.**



Pescador de Marabá no rio Tocantins.

esse mapa (...) é o patrimônio do nosso trabalho
João Nei Silva

Financiamento:



Climate and
Land Use Alliance

Realização:

PNCESA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

Comunidades Ribeirinhas e Pescadores dos rios Tocantins e Araguaia
União das Comunidades Ribeirinhas Extrativistas no entorno do Pedral do Lourenção
em Defesa dos Nosso Direitos

Apoio:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia



FECAMPO

Grupo de Pesquisa

Núcleo de Cartografia Social
do Sul e Sudeste do Pará

